

4. A comunhão dos mais pequenos

Ontem, citando a homilia feita aos jovens em Heiligenkreuz, evidenciava o fato que Jesus louva o Pai por se revelar aos mais pequenos, e fiz notar que o pequeno, a criança, por sua natureza procura a alegria numa relação de amor com os outros. São dois aspectos, estreitamente ligados um ao outro, que é importante aprofundar para melhor viver a oração tal como a Igreja a entende e, em particular, como São Bento a entende e ensina.

Eu dizia, às vezes percebo que nas comunidades falta a alegria na oração, mesmo quando esta é bem feita. Eu dizia, talvez isto seja um sinal que não se reza em modo suficiente procurando o “tesouro no céu” que pode verdadeiramente encher de alegria o nosso coração criado para Deus. Certamente, Jesus foi sempre feliz, mesmo quando sofria ou se entristecia vendo o mal do mundo e a dureza dos discípulos e dos fariseus, porque o tesouro da sua vida era o Pai.

Também compreendo que nas comunidades a alegria da oração é muitas vezes salva talvez por um único irmão, uma única irmã, que no meio dos outros vive esta alegria de procurar e encontrar o tesouro. Eles são como anjos que o Senhor envia no meio da caravana que laboriosamente atravessa o deserto e que trazem alívio e serenidade com a sua simples presença. Talvez sejam irmãos ou irmãs que rezam formalmente mal, que às vezes são desafinados, ou nunca encontram a página certa, que erram os gestos litúrgicos, ou até bocejam e adormecem durante o Ofício, especialmente se for cantado numa língua que não compreendem. A única qualidade que eles têm é a pequenez da qual fala Jesus. São "como as crianças" que Jesus nos pede para imitar, convertendo-nos da nossa orgulhosa pretensão de fazer melhor do que eles, de rezar melhor e sobretudo, de ser maiores e mais importantes do que eles.

“Em verdade eu vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se fizer pequeno como esta criança, este é o maior no reino dos céus. E quem acolhe uma criança como esta, em meu nome, recebe a mim. (...) Cuida-te para não desprezares nenhum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus veem sempre a face do meu Pai que está nos céus” (Mt 18,3-5.10).

Gostaria que notassem como também aqui Jesus fala de oração, de alegria e de tesouro no céu. Quando ele diz dos “pequeninos” que “os seus anjos nos céus veem sempre o rosto do meu Pai que está nos céus” devemos pensar como é importante, bela e viva a oração dos pequeninos, porque há um anjo que liga imediatamente o seu coração ao Pai, ao bom rosto do Pai, do qual recebemos infalivelmente o cumprimento de cada pedido e a alegria filial, como a do próprio Jesus. Então, nós também não podemos não desejar rezar desta forma, ou melhor: sermos assim.

Mas isto implica duas qualidades da oração e de toda a vida sobre a qual São Bento insiste sempre e em tudo: a humildade e a fraternidade. Ser pequeno e em comunhão com os outros são duas grandes condições da oração cristã nas quais a vida monástica deveria educar-nos constantemente, corrigindo-nos todos os dias. Basta pensar em como se inicia a celebração da Eucaristia: com um ato penitencial no qual reconhecemos humildemente que somos pobres e no qual nos confiamos à comunhão fraterna, pedindo a intercessão de Maria, dos anjos, dos santos e de "vós, irmãos e irmãs". Os pequenos nas nossas comunidades – mas entendamos que pequeno no coração também pode ser o superior, ou o ecônomo ou o cantor – o pequeno basicamente vive a oração comum, permanecendo nesta atitude humilde durante toda a Missa ou no Ofício Divino, e sempre. O pequeno é o cobrador de impostos que, no fundo do templo, bate em seu peito e repete a oração do peregrino russo: "Mas o publicano, colocando-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no seu peito dizendo: 'Ó Deus, tem piedade de mim, pecador'" (Lc 18,13).

São Bento o chama de "*publicanus ille evangelicus*" (RB 7,65), como se esta atitude quase "evangelizasse" e se transformasse num Evangelho, mesmo uma profissão e vida de pecador. E é assim: a humildade que reza torna-se "Evangelho", torna-se "Boa Nova" mesmo a vida do pior pecador, como por exemplo a vida do ladrão crucificado ao lado de Jesus (cf. Lc 23,40-43). Em verdade, mesmo o bom ladrão reconhece que é um pecador e pede a Jesus que se lembre dele, e isto lhe dá imediatamente o tesouro do céu, a alegria do Paraíso.

Devemos pensar nisto e sermos conscientes, para que compreendamos que a nossa oração, vivida desta forma, como pessoas pequenas e humildes, torne-se imediatamente evangelização, dando ao mundo o Evangelho de Cristo, mesmo que ninguém nos veja. São Bento pede-nos que repitamos a oração do publicano "dizendo a si mesmo sempre no coração - *dicens sibi in corde semper*" (RB 7,65). Ele convida-nos a interiorizar esta pequenez humilde que evangeliza o mundo, a vivê-la durante a oração comunitária, mas também e precisamente, como uma oração contínua do coração, seguindo toda a tradição monástica que remonta aos pais do deserto, que sempre foi cultivada nas Igrejas orientais, mas também na tradição ocidental, como nos recorda São Bernardo, por exemplo, com a devoção ao Nome de Jesus.

Porém, mais que as fórmulas de oração, é importante não esquecer que é, sobretudo, na disposição do coração que nos é pedido para vivermos em oração contínua, não uma oração retraída sobre nós mesmos, mas uma verdadeira oração evangelizadora, que transmite a todos a presença e a palavra do Senhor Jesus Cristo. Sabemos muito bem, e experimentamos, muitas vezes de forma negativa, que apenas a pequenez humilde, aquela que implora a misericórdia, evangeliza realmente, e não a grandeza e a força daquilo que fazemos, dizemos e pensamos, acreditando que somos melhores do que os outros.

Mas para isso é importante lembrar, como dizia no início, como as crianças vivem naturalmente a sua pequenez, e isso de uma forma relacional, dentro de uma comunhão de relações de pertença e de confiança. Por isso a humildade que Cristo e depois São Bento nos pedem quase nunca é descrita de modo individual, mas como uma posição dentro de uma comunidade. Sozinho, um pode orgulhar-se até de sua pequenez e humildade. No entanto, no corpo da comunidade, a humildade existe ou não existe, conforme o modo como somos uns com os outros. A verdadeira humildade como virtude pessoal, como consciência e conhecimento de nós mesmos, só pode ser desenvolvida em relação aos irmãos e irmãs com quem Cristo nos pede que o sigamos.

Isto também se aplica à oração, e talvez especialmente à oração. Na Regra é evidente que se aprende a rezar em comunidade, na oração comum, litúrgica, que é a oração de toda a Igreja. Se não se aprende a rezar em comunhão com a comunidade e a Igreja, nem sequer a oração pessoal será verdadeira. A oração, mesmo de um eremita, tem sempre um respiro de comunhão. Porquê? Finalmente porque Deus mesmo é comunhão: ele é o Pai de todos, que nos faz seus filhos no sangue do seu Filho unigênito, no mistério do seu Corpo místico vivificado pelo Espírito Santo. No mistério cristão, para rezar não é suficiente uma relação com Deus, porque Deus é Relação em si mesmo e com todos os homens.

Podemos dizer que o tesouro no céu buscado na oração para encontrar a verdadeira alegria é como um tesouro escondido num campo, e este campo é para cada um de nós uma comunidade concreta reunida em oração. Isto é também verdade para a família, que o Concílio define "como uma Igreja doméstica" (*Lumen Gentium* 11). No início da Igreja, frequentemente as comunidades coincidiam com as comunidades familiares alargadas, de modo que as pessoas se encontravam para rezar e celebrar a Eucaristia nas casas.